

COMENTANDO A CONDIÇÃO DA CRIANÇA NO SÉCULO XVIII

Ione Gomes Adriano¹

Resumo: Este artigo busca conhecer qual a condição da criança e o espaço ocupado por ela na família, a partir do século XVIII. Procura identificar quando e como se dá a passagem da família tradicional para a família moderna, a família fundada no amor materno. Procura-se conhecer as estratégias adotadas pelos governantes da época para a conservação da criança, preservação das famílias ricas e nobres e o destino dado às crianças indesejadas.

Palavras-chaves: família, criança, educação.

TOUR OF THE CONDITION OF THE CHILD IN THE CENTURY XVIII

Abstract: This paper aims the acknowledge of children condition in XVIII families. It identifies when and how the transition to modern families happen, the families built by the maternal love. It searches for the strategies adopted by that governors in order to preserve children, richness and it studies the destiny given to unwanted child.

Keywords: family, child and education.

¹Ione Gomes Adriano – Bacharel em Administração de Empresas; Especialista em Administração Escolar; Especialista em Educação Profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos; Mestranda em Educação pela Pontífice Universidade Católica de Goiás.

INTRODUÇÃO

Badinter (1985) comenta que até o fim século XVII, o pensamento de Santo Agostinho era desfechado em textos e sermões que difundia a ideia de que a complacência, o carinho, o amor e tolerância excessiva das mães eram cúmplices dos vícios e erros dos filhos. Amamentar volumptuosamente uma criança era símbolo da luxúria.

Na perspectiva da autora até o início do século XVIII a criança não tinha lugar privilegiado na família, às vezes, consistindo para algumas até mesmo um transtorno. A autora comenta que a filosofia e a teologia manifestavam na época um verdadeiro medo da infância e que por longos séculos a teologia cristã, na pessoa de Santo Agostinho, considerou a criança como símbolo da força do mal, um ser imperfeito, fruto do pecado original, o que a distanciava da perfeição e, conseqüentemente, de Deus. O papel da educação era castigar o corpo da criança para purificar sua alma (BADINTER, 1985, p. 54-55).

Outro comentário da autora é quanto à censura em coro dos pedagogos contra a excessiva tolerância dos pais com seus filhos, da falta de cuidado com eles e da não atenção à educação. Para eles, em nome dos postulados agostinianos, a boa amizade dos pais pelos filhos deve ser uma atitude rigorosa que não perde de vista que a finalidade da educação é salvar a alma do pecado.

A teologia do século XVII combate a tolerância excessiva, o espírito leviano e preguiçoso dos pais no cuidado com os filhos já que isso deixa a alma infantil entregue ao pecado original (BADINTER, 1985).

A concepção de Donzelot (1986), é a de que partir do século XVIII, inicia-se uma preocupação com a conservação da criança e preservação das famílias ricas e nobres, o que leva a adoção de políticas voltadas para os filhos bastardos, regularização das uniões livres e designação da responsabilidade dos pais pela educação dos filhos. Para Ariès

(1981), é nesse século que se dá a descoberta da infância.

REVISANDO O PASSADO

Na perspectiva de Ariès (1978), até o século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la, provavelmente, por não haver lugar para infância naquele mundo.

A mesma situação continuou no século XIII. Até essa época, as crianças eram representadas, através da arte, na figura de pequenos adultos.

Badinter (1985), comenta que na perspectiva de Ariès, foi no século XVIII que deu-se o início da ternura e a intimidade entre pais e filhos. Até o século XVII, embora a família fosse diferente da medieval, a criança ainda não tinha especificidade no mundo dos adultos. O que as pesquisas apontam é que até o século XVII a criança tem pouca importância na família, sendo em algumas vezes considerada transtorno.

Para Ariès (1978) a família tradicional antiga não tinha função afetiva. O que não quer dizer que o amor estivesse sempre ausente. No filme *A Duquesa*, dirigido por Saul Dibb, de 2008, baseado em fatos reais e que acontece na Inglaterra no século XVIII, a personagem principal, Georgeana, aos dezoito anos, tem sua vida negociada quando sua mãe combina o casamento dela com William, o Duque, que precisava se casar para ter um herdeiro de seu título.

Até a metade do século XVIII a mulher era uma simples máquina reprodutora (DONZELOT, 1986). O filme deixa claro essa situação na cena da noite de núpcias, quando a Duquesa teve um marido diferente do que esperava. Ela esperava outro tipo de relação, com carinho, amor e atenção. Um marido como ela sentia que seu pai era para sua mãe. No entanto, a criança e a Duquesa eram apenas objetos que foram previamente negociados.

Por longo período a teologia cristã, representada por Santo Agostinho, tinha uma imagem muito negativa da infância, considerando que a criança era símbolo da

força do mal, um ser imperfeito, fruto do pecado original. Amor, carinho, mimos e tolerância materna eram impugnados pelos pedagogos da época, creditando às mães, todos os vícios e maldades dos filhos. A amamentação voluptuosa era vista como prazer ilícito proporcionado pela mãe que levaria a criança à perda moral (BADINTER, 1985).

A autora menciona que aliada a imagem negativa dada à criança, ainda teve-se a rejeição ao filho, sinalizado pela recusa da mãe de dar-lhe o seio, preferindo delegar a função a uma ama mercenária, na residência da família ou na casa da ama. Que em Paris, por exemplo, data do século XIII a abertura da primeira agência de amas de leite. A cultura de entregar o filho para ser amamentado por outra, inicialmente era entre as famílias aristocráticas, no século XVIII se generaliza. Muitas mães pobres deixavam de amamentar seus filhos para amamentar os filhos de outros. Pelas observações da autora um dos motivos que levavam as mulheres a se tornarem amas de leite eram os econômicos.

Outro fato mencionado é o de que um bebê requer atenção e cuidados o que provoca fadiga, nem sempre agradando aos pais e nem todos estão dispostos a sacrifícios para o ofício, por não poderem ou por não quererem, por motivos econômicos ou puro egoísmo, daí optam pelo abandono físico ou moral da criança. Isso acontecendo nas várias camadas sociais, mãe solteiras ou não (BADINTER, 1985, p. 64). Uma cena do filme mostra a impaciência do Duque com o choro de uma de suas crianças.

Badinter (1985) comenta que a psicanálise atribui aos momentos de amamentação um papel fundamental no desenvolvimento ulterior da criança. Já o teólogo vê na relação amorosa e física entre mãe e filho a fonte de uma má educação. Mais tarde a psicanálise diz que dessa primeira relação bem-sucedida depende o bom equilíbrio psíquico e moral da criança.

O filme *A Duquesa* representa fatos que mostra o retrato da sociedade daqueles tempos. A Duquesa desafia seu tempo,

preferindo ela mesma amamentar todas as suas crianças.

A situação das crianças, no século XVIII era de desprestígio. As desejadas viviam em meio aos adultos eram cuidadas por serviçais, as menores, como já mencionado, não eram amamentadas pelas mães, que se preocupavam mais com a estética do corpo, ou quando pobres, mais com a sobrevivência. As crianças indesejáveis o Estado destinava aos hospícios de menores abandonados. Cenas do filme *A Duquesa* retrata bem a situação das crianças legítimas, nobres ou ricas. No que diz respeito aos hospícios de menores abandonados, Donzelot (1986) comenta que:

Na extremidade mais pobre do corpo social, o que é denunciado é a irracionalidade da administração dos hospícios, o pouco benefício que o Estado retira da criação de uma população que só excepcionalmente chega a uma idade onde pode reembolsar os gastos que provocou...

O autor comenta ainda que às crianças bastardas resguardam-se as necessidades do Estado no que diz respeito às tarefas nacionais, como a colonização, a milícia, a marinha. O fato da criança não ter nenhum vínculo familiar, tornava-a alvo fácil dos exploradores, representantes do Estado. Essa era a política adotada pelo Estado, para os filhos bastardos abandonados. E nos valendo dos comentários de Abranches (1987), tem se que política é conflito, oposição e contradição de interesses. É também poder que transforma quase sempre um jogo desequilibrado, que aumenta os meios dos mais poderosos e diminui as chances dos mais fracos. E as crianças em condição de indesejadas tinham também em seu caminho a situação de abandono, o que as tornava alvo de variadas formas de injustiças.

Na perspectiva de Donzelot (1986), a falta de cuidado e de amor para com as crianças na época elevava o índice de mortalidade infantil. Havia nesse caso, o sentimento de substituição já que logo outra criança nasceria e substituiria a falecida. Até mesmo a amamentação não representava um ato de cuidado e carinho, pois como já

mencionado era delegada às amas-de-leite no caso dos filhos de nobre e famílias em boa situação econômica, já que as mulheres ricas e nobres estavam mais preocupadas com a estética do corpo. Amamentar significava um meio de subsistência para muitas mulheres pobres e um incômodo para as mulheres nobres e para as ricas.

A educação das crianças, nobres ou ricas, no século XVIII ainda era relegada a terceiros, aos serviçais, o que levava a uma educação artificial e nociva ao desenvolvimento das crianças e jovens, já que tais serviçais transmitiam-lhes seus maus hábitos e vícios (DONZELOT, 1986).

A medicina do século XVIII começou a questionar o fato das crianças do campo terem uma alimentação menos rica e uma vida mais penosa, devido ao trabalho no campo e, no entanto, aparentarem-se mais saudáveis que as crianças burguesas e nobres. A Conclusão a que chegaram era de que o fato das crianças do meio rural não serem submetidas aos artifícios do vestuário e do confinamento, e por gozarem de práticas de exercícios regulares é que provocavam tal fenômeno (DONZELOT, 1986).

De acordo com o autor, outro questionamento levantado pela medicina foi em torno do motivo que levaria os camponeses, particularmente seus filhos, a se deslocarem para a cidade. Procurava-se entender o que provocava o abandono dos costumes camponeses em favor dos prazeres doentios da cidade. Questionava-se existiria uma relação prática entre o uso extravagante do corpo e a economia de desperdício e de prestígio que o venturoso duvidoso das cidades produzia? A conclusão a que chegaram foi a de que era através dos serviçais que a impregnação das cidades se articulava com a retirada do campo (DONZELOT, 1986).

A cidade atraía os camponeses. Os homens se refugiavam na condição de serviçais na cidade para ganharem imunidade contra o serviço na milícia. Nobres e burgueses não permaneciam em suas terras na ânsia de mostrar suas riquezas. Enfim tais serviçais queriam viver acima de suas posses.

Casavam e tinham filhos e uma vez não tendo como criá-los, os abandonam aos cuidados do Estado. As mulheres ou dedicavam-se à indústria da amamentação ou tornavam-se prostitutas, no afã de se enfeitarem como as mulheres ricas ou nobres (DONZELOT, 1986).

O filme *A Duquesa* mostra cenas que lembram o comentário de Ariès quanto à sociedade ser chegada aos encontros, às visitas e às festas regadas a muita bebida, dança e flerte. Georgeana era muito comunicativa, ditava a moda e desafiava as convenções de sua época já que participava de eventos exclusivamente masculinos, como mesa de jogo e reunião política. Seu poder de mobilização popular era tamanho que conseguia reunir o povo para ouvir discurso político. Em uma cena ela comenta que os homens têm tantas formas de se expressarem e que as mulheres precisam fazê-lo com chapéus e vestidos.

O filme mostra como as serviçais serviam também aos caprichos sexuais de seus patrões, inclusive na própria casa do casal, demonstrando total falta de respeito com o cônjuge e, muitas vezes o resultado eram os filhos bastardos. Uma cena do filme apresenta uma criança órfã filha do Duque com uma serviçal.

Toda essa situação levou o Estado a implementar política voltada para o fim dos malefícios da criadagem e a promoção de novas condições de educação para crianças e jovens ricos ou nobres e conduzir os pais à responsabilidade pela educação das crianças.

As estratégias para a reorganização dos comportamentos educativos foram: difusão da medicina domiciliar, que consistia em transmitir conhecimentos e técnicas que permitia às classes burguesas tirar as crianças da influência negativa dos serviçais e os colocar sob a vigilância dos pais; diminuir o custo social de reprodução, ou seja, obter um número desejável de trabalhadores com um mínimo de gastos públicos. Surge então a chamada filantropia (DONZELOT, 1986).

O autor comenta que foi a partir do final do século XVIII, que se deu o surgimento de livros elaborados pelos

médicos, ensinando como criar, educar e medicar as crianças.

Comenta ainda que a educação pública, do ponto de vista dos médicos, que era organizada no regime de internato, oferecia os mesmos perigos de depravação ofertada pelo convívio das crianças e jovens com os serviçais. Foi daí que no final do século XIX surgem as primeiras associações de pais e mestres e também a educação familiar e escolar.

Os pais abastados tinham a incumbência de preparar as crianças para aceitar a disciplina escolar e de vigiar a qualidade do atendimento das crianças e jovens no internato bem como a possibilidade de agressões físicas em nome de punição e outros perigos que pudessem colocar em risco a segurança das crianças e jovens. É estabelecido para a educação pública os mesmos cuidados que existia na educação privada, que assegurava a integridade física e moral de crianças e jovens (DONZELOT, 1986).

Conclui-se que, na verdade todas as estratégias políticas desenvolvidas até o início do século XIX pretendiam resguardar a perpetuação das posses das famílias ricas e nobres, em mãos de filhos legítimos e garantir ao Estado, o menor gasto possível com pessoas que não lhe seria útil.

Essa preocupação levou à invenção da *roda*, cilindro cuja superfície lateral é aberta em um dos lados e que gira em torno do eixo da altura. O lado fechado fica voltado para a rua. Uma campanha exterior é colocada nas proximidades. Se uma mulher deseja expor um recém-nascido, ela avisa a pessoa de plantão acionando a campanha. Imediatamente, o cilindro, girando em torno de si mesmo, apresenta para fora o seu lado aberto, recebe o recém-nascido e, continuando o movimento, leva-o para o interior do hospício (DONZELOT, 1986).

IDEIAS DE ROUSSEAU

Na perspectiva de Badinter (1985), Rousseau ao publicar a obra *Émile*, em 1762 deu impulso às novas ideias e à família

moderna, ou seja, à família fundada no amor materno.

Para Rousseau, o homem nasce bom e perfeito, a sociedade é que é a causa de sua degeneração. Seu tratado de educação propõe que se preserve na criança aquilo que ela tem de melhor, fazendo com que aprenda e viva tudo que for necessário e interessante na sua realidade, sem perder a ternura e a simplicidade (ZADOROSNY, 2005).

Para Fontes (1985), Rousseau ao falar sobre educação procurou desenvolver as potencialidades naturais da criança. Sua ideia era formar o homem a partir do princípio da liberdade. Formar o homem livre, capaz de se defender contra todos os constrangimentos.

Segundo o autor, para Rousseau cada fase da vida tem suas características próprias. O homem e a sociedade se modificam e um dos papéis da educação é possibilitar a adaptação a essas modificações.

A filosofia de educação proposta por Rousseau é um ensaio pedagógico que procura traçar as linhas gerais que deveriam ser seguidas para fazer da criança um adulto bom. Ele atribui à civilização a responsabilidade pela origem do mal já que o pressuposto básico de seu pensamento é a crença da bondade natural do homem (FONTES, 1985)

O autor coloca ainda que para Rousseau, a educação deve ser progressiva e adaptada às necessidades individuais do desenvolvimento da criança em cada fase. Ele introduz a concepção de que a criança é um ser com características próprias, por isso, não poderia ser vista como adulto.

Na perspectiva de Rousseau a educação positiva deve iniciar quando a criança adquire consciência de suas relações com os semelhantes e que a educação não deveria ser voltada aos interesses do adulto e da vida adulta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na verdade, nos primórdios da sociedade, os filhos adúlteros, os menores rebeldes, as moças de má reputação e outros que prejudicasse a honra, reputação e posição

familiar é que perturbavam as famílias. Já no caso do Estado, o que incomodava era o desperdício de forças vivas, com indivíduos inutilizados ou inúteis (DONZELOT, 1986).

Na contemporaneidade, o modelo de sociedade que nos apresenta e que leva os pais a serem prisioneiros de suas profissões, proporciona às crianças uma prisão cuja companheira é a televisão, os vídeo-games e a Internet, onde as informações são as mais variadas e de todos os tipos. As crianças fazem novos amigos, conversam, trocam informações tudo em ambiente virtual.

Na tese de Gagnebin (2005), nas sociedades regidas pela cultura de massa, a tirania da imagem é avassaladora. Há um tipo de violência que é próprio do funcionamento do imaginário em si. Para ela, essa violência tem aí uma relação de causa e efeito e que independe dos conteúdos que as imagens apresentam.

Para Lacan (apud Jorge, 2005), o imaginário é o sentido que a pessoa dá à realidade. É a ideia que se tem da realidade, que pode ser diferente da realidade propriamente dita.

Na perspectiva de Gagnebin (2005), a qualidade e o conteúdo das imagens não fazem diferença, uma vez que a exposição constante das pessoas a cenas de violência, a padrão de respostas violentas para todos os conflitos vai aumentando cada vez mais o limiar de tolerância das pessoas. O que ela coloca é que, com o tempo as pessoas passam a tolerar cenas que em outra época as horrorizariam.

A premissa que sustenta o pensamento da autora é a de que o funcionamento do imaginário dispensa a necessidade do pensamento. O imaginário não proíbe nem reprime o pensamento, no entanto, o modo de funcionar das imagens e da exposição das pessoas a elas, produz um modo de funcionamento psíquico nas pessoas que dispensa o pensamento, visto que o imaginário funciona segundo a lógica da realização dos desejos.

Outra premissa da autora, que é consequência da anterior, é a de que o funcionamento do imaginário incita

passagens ao ato, sem pensamento, como reação a angústia causada pelo vazio do pensamento. Esse é o ato da superficialidade, da irreflexão.

Zadorosny (2005), em relação à sociedade atual comenta que:

A sociedade atual parece ter deixado de lado sua dimensão educativa, que se traduz na valorização do potencial humano de aprender, criar e construir que existe em cada indivíduo, que permite transformações, questionamentos críticos, progresso cultural e material.

A autora coloca a necessidade de se questionar como educar as crianças diante da realidade apresentada pelo modelo de sociedade fornecida pela ideologia do capitalismo neoliberal. Segundo ela, a modernidade constitui-se o local de reconhecimento da infância, enquanto fase singular, que merece atenção para que se encontrem nela elementos de educação necessários à compreensão da criança de hoje.

Roure (2004), referindo-se à criança do nosso tempo indaga:

Quem é a criança que vemos pelos shoppings, vestida como um pequeno “anjo rebelde”, cujo corpo coberto por roupas “amassadas” estampam grifes a serem consumidas? Que criança é essa que vemos – quase sem querer – nos sinaleiros ou bancos das praças, pequenos “trabalhadores” ou “meninos de rua” cujos corpos, cobertos por roupas “amassadas” e “esfarrapadas”, dizem da miséria do nosso tempo? Em meio a paradoxal semelhanças e diferenças, uma posição parece agregá-las: crianças-objeto, cujas vidas – seja como consumidor, seja como consumido – corporificam o lugar de “resto”.

Para Zadorosny (2005) o século XVIII, enquanto portador de caráter revolucionário, teve Rousseau como seu protagonista. Para ela, da concepção de homem de Rousseau, decorre todo seu tratado de educação que nos ensina a preservar na criança aquilo que ela tem de melhor, sua bondade e perfeição.

É preciso tratar melhor as crianças, educá-las para que quando o século XXI for

historiado, os fatos a serem narrados em torno da infância e adolescência sejam menos agressivos que os dos séculos anteriores. Lembrando Rousseau, há de se considerar que:

Moldam-se as plantas pela cultura, e os homens pela educação. Se o homem nascesse grande e forte, a estatura e a força ser-lhe-iam inúteis até que tivesse aprendido a servir-se delas, ser-lhe-iam prejudiciais, pois impediriam que os outros pensassem em socorrê-lo e, entregue a si mesmo, morreria de miséria antes de ter conhecido suas necessidades. Queixamo-nos da condição de infantil e não vemos que a raça humana teria perecido se o homem não tivesse começado por ser criança (ZADOROSNY, 2005).

Zadorosny (2005) coloca ainda que para Rousseau, antes de formar o cidadão competiria ao governante formar o homem, o ser humano na criança. Para ele, a criança é um ser em condição única, à espera de orientação, carinho e formação.

Recentemente, em carta ao leitor a revista VEJA (2010), comentou que

As crianças não são adultos em miniatura. São seres especiais com sensibilidade exarcebada aos sinais emitidos pelo mundo a sua volta. Cada fase da vida de uma criança exige um tipo de atenção capaz de satisfazer necessidades mentais, orgânicas e emocionais específicas. Essas demandas precisam ser atendidas a tempo e a hora para que a criança cresça sadia e equilibrada (VEJA, p. 15, 26 de maio de 2010).

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Sérgio Henrique. **Política social e combate à pobreza: a teoria da prática**. Rio de Janeiro. 1987.

ARIÈS, Philippe. Flaksman, Dora (tradução) **História Social da Criança e da Família**. Guanabara Koogan. Segunda edição. 1978.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1985.

DONZELOT, Jacques. **A Polícia das Famílias**. 2ª edição. Graal. Rio de Janeiro. 1986.

JORGE, M.A.C. **As quatro dimensões do despertar – sonho, fantasia, delírio, ilusão**. Ágora v. VIII Nº 2, julho/ dezembro 2005, pp. 275-289.

ROURE, Glacy Queirós. “ **Se esta Criança, se esta Criança fosse minha...**”. Revista Comciência. Laboratório de Jornalismo do Núcleo de Criatividade –Nudecri. UNICAMP. Nº 28. www.comciencia.br

SAUL, Dibb. **A Duquesa**. 2008. Filme

VEJA, revista. Carta ao leitor. **O tesouro da infância**. 26 de maio de 2010.

ZADAROSNY, Keity Jeruska Alves dos Santos. Org. MARQUES, Mário Osorio. **Rousseau e o moderno sentimento de infância: um legado a ser recuperado**. Editora Unijuí. Rio Grande do Sul. 2005.